

O SAMBA DO CEARÁ OITOCENTISTA: ESPAÇO DA DIVERSÃO SUBALTERNA ENTRE A LITERATURA E A NOTÍCIA

Alan Philippe Moreira Silveira
(UECE — Mestrando)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Alan Philippe Moreira Silveira é aluno do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, da Universidade Estadual do Ceará (MIHL-FECLESC-UECE). Graduado em Licenciatura em História pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista da FUNCAP. E-mail: alanphilipe90@gmail.com.

RESUMO

Neste artigo discutimos algumas noções acerca das práticas festivas populares no Ceará do século XIX. Tratando especificamente dos discursos sobre o samba, busca-se apreender a visão difundida, tanto pelos textos literários quanto pelas denúncias em circulação nos periódicos, em especial os jornais *Pedro II*, *O Cearense* e *A Constituição*. Lançamos mão do diálogo com conceitos da História Social, tendo em vista a abordagem “de problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais” (CASTRO, 1997, p. 48), de forma a compreender seus conflitos, experiências e práticas culturais. Defendeu-se o argumento de que o enunciado e as narrativas em torno dos espaços de sociabilidade das camadas subalternas partiam de uma percepção compartilhada entre os sujeitos que as escreviam, fossem eles literatos, autoridades policiais ou denunciadores anônimos. Por sua vez, os escritos impressos a respeito do samba como lugar frequentado pela “plebe”, concorreram, na perspectiva de uma história “vista de baixo”, para a apreensão da experiência cultural dos indivíduos implicados nesses discursos.

ABSTRACT

In this article we discuss some notions about popular festive practices in Ceará in the 19th century. Dealing specifically with the discourses about samba, it seeks to apprehend the widespread view, both by literary texts and by the complaints circulating in the periodicals, especially the newspapers *Pedro II*, *O Cearense* and *A Constituição*. We use the dialogue with concepts of Social History, in order to approach “specific historical problems regarding behavior and relationships between different social groups” (CASTRO, 1997, p. 48), in order to understand their conflicts, experiences and cultural practices. The argument was defended that the utterance and the narratives around the sociability spaces of the subaltern layers started from a shared perception between the subjects who wrote them, whether they were literati, police authorities or anonymous whistleblowers. In turn, the printed writings about samba as a place frequented by the “plebs”, contributed, in the perspective of a history “seen from below”, for the apprehension of the cultural experience of the individuals involved in these discourses.

PALAVRAS-CHAVE

Ceará; Criminalização; Samba; Século XIX.

KEY-WORDS

Ceará; Criminalization; Samba; XIX Century.



INTRODUÇÃO

Já uma vez te mostrei,
Num samba, que fui contigo,
Que tu e dois cabras mais
Não podem brigar comigo!
(SOUZA, 1881, p. 2)

O ambiente e o ajuntamento festivos das camadas populares — fossem livres, libertas ou escravizadas — atraíram, ao longo do tempo, o olhar dos entes do controle social por sua pretensa associação à violência e à eventualidade criminal (MARQUES, 2008). O samba, definido como “sinônimo de pagode, função, fobó, arrasta-pé, balançaflandre (Alagoas), forrobodó, fungangá”, praticado no Brasil rural e urbano (CASCUDO, 2005, p. 798), no que tange à espacialidade cearense, foi o grande alvo da polícia e da denúncia impressa.

Como exemplifica o excerto de poema acima, o samba também foi objeto de exercício literário no Ceará do século XIX, engendrando noções acerca de como os subalternos dispunham da sociabilidade. Mas que relações se guardavam entre o texto literário e a denúncia contra a prática do samba? A principal hipótese é a de que tais escritos, com o propósito de registrar e apresentar antigos “costumes da roça”¹, acabavam se confundindo com a perspectiva de considerar os espaços e práticas populares de sociabilidade uma incivilidade inerente à classe, de forma semelhante às narrativas de denúncia.

Para essa discussão, lançamos mão do diálogo com conceitos da História Social, tendo em vista a abordagem “de problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais” (CASTRO, 1997, p. 48), de forma a compreender seus conflitos, experiências e práticas culturais. Temos, portanto, o debate em torno da cultura como tema caro a argumentação e problematização do nosso objeto, identificado com aquilo que o historiador inglês E. P. Thompson, considerando o século XVIII, chamou de “uma resistência teimosa”, de “[...] um hiato profundo, uma profunda alienação entre a cultura patricia e a da plebe” (THOMPSON, 1998, p. 13).

Partimos, pois, da aproximação entre história e antropologia, privilegiando, sob a ótica da história vista de baixo, as “noções de experiência e cultura no cerne das análises sobre a ação social” (CASTRO, 1997, p. 51). Essa aproximação, de acordo com Thompson,

[...] se traduz primordialmente não na construção do modelo, mas na identificação de novos problemas, na visualização de velhos problemas em novas formas, na

¹ Título de um conto anônimo. Nele, um “velho caboclo” do Jaguaribe narra episódios de valentia nos sambas que frequentava, como um no qual espancou o cantador, por motivos de ciúmes de sua “sinhá Chiquinha” (COSTUMES..., 1868, p. 1-3).



ênfase em normas (ou sistemas de valores) e em rituais, atentando para as expressivas funções das formas de amotinação e agitação, assim como para as expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia (THOMPSON, 2012, p. 229).

Com isso, nesta análise, buscamos encarar o texto literário, aquele produzido e disposto nos periódicos oitocentistas, como “expressões simbólicas de autoridade, controle e hegemonia” em edificação. Essa concepção orienta a percepção e a abordagem dos discursos produzidos sobre os populares e seus cenários de diversão, tendo como fonte poemas e denúncias que utilizaram como suporte os jornais cearenses de larga circulação no período, a exemplo do *Pedro II* (1840-1889); *O Cearense* (1846-1891); *A Constituição* (1863-1889) e outros.

1 O SAMBA NA LITERATURA: ESPAÇO DA VALENTIA NATURALIZADA

Considerando a produção literária a partir de determinada parcela da intelectualidade cearense como esforço de registro das “manifestações tradicionais na vida coletiva” (CASCUDO, 2005, p. 401), conseqüentemente aproximada de cariz folclórico, encontramos como um desses expoentes o jornalista João Brígido dos Santos (1829-1921), “cronista do Ceará antigo”. Com obra considerada fonte de conhecimento “do panorama social do Ceará dos primeiros tempos, aqueles em que uma população rarefeita, esmagada pelo atraso e pelo pauperismo, [...] desabafava na inquietação turbulenta das massas ou na prepotência dos caudilhos” (CÂMARA, 1965, p. 324).

A classificação do trabalho de João Brígido, feita por José Aurélio Câmara com base no conteúdo do livro *O Ceará – Lado Cômico*, publicado em 1899, observa a marca descritiva sobre o cearense trivial, principalmente aquele “dos primeiros tempos”, como indivíduo atrasado e turbulento. Sem o intento de desviar do parâmetro cronológico pelo qual situamos nossa análise, queremos apontar que esse sentido interpretativo, marcadamente presente no século XIX, ainda se faria visível na escrita do século ulterior, notadamente na composição narrativa da vasta obra de Gustavo Barroso sobre os “costumes do Norte”, como *Terra de Sol* (1912) e *Alma Sertaneja* (1923).

Identificamos esse movimento com o que Raymond Williams (1979) chamou de “estrutura de sentimentos”.

A ideia de uma estrutura de sentimento pode estar especificamente relacionada com a evidência de formas e convenções – figuras semânticas – que, na arte e literatura, estão com frequência entre os primeiros indícios de que essa nova estrutura se está formando (WILLIAMS, 1979, p. 135).

Essa concepção se expressa, por exemplo, no poema “O Samba”, de Rodolfo Leite, quando o escritor cearense diz que “Ao pobre coube a sorte da alegria/[...] Ferve o



samba/[...] Todos a ele lançam-se à porfia” (LEITE, 1889, p. 2). Rodolfo Teófilo, embora publicando na segunda década do século XX, lança o olhar para acontecimentos desencadeados na centúria precedente, os quais o autor presenciara. Referindo-se aos distúrbios da grande seca de 1877-79, relata que entre os maltrapilhos “se encontrava em muito pequena escala a pureza de costumes, a honestidade e a gratidão. O vício parecia ter contaminado todos os famintos. Viam-se em todas as idades criaturas pervertidas” (TEÓFILO, 1922, p. 125). Teófilo lança um paradoxo sobre os “costumes sertanejos”: na alegria, relacionavam-se a “porfia”; agora diante da fome e miséria da seca, convertiam-se ao vício e perversão. O comportamento dos populares, fosse visto de forma “natural” ou alterada, era semanticamente relacionado ao barbarismo.

Outro exemplo, e que salta dos *Versos Diversos*, livro publicado em 1890 pelo poeta Antônio Salles, é o soneto “Chromo”. No jornal Cearense, à época de seu lançamento, um crítico o distinguia como expressão de “uma naturalidade arrebatadora vestida de um esplendor encantante”.

Seis horas. Desperta a vila:
Vão se descerrando as portas
– Pesadas pálpebras mortas
Durante a noite tranquila.

A luz matinal anila
Das serras as corcovas tortas;
Na rua o orvalho cintila
Na grama da cor das hortas

Passa, por homens levada
Uma rede ensanguentada,
– De uma tristeza que aterra...

E um velho que marcha ao lado
Chora um filho assassinado
Num samba que houve na serra
(SALES, 1890, p. 2).

Essa categorização, pela qual folcloristas e literatos em geral utilizavam em referência aos sujeitos que formavam parte do panorama social do Ceará naqueles séculos, nos leva a prosseguir a discussão sobre o samba, divertimento característico da sociabilidade popular. Retomemos, a partir do nosso objeto, o que de acordo com E. P. Thompson entendemos ser o profundo hiato entre a cultura plebeia e patriciana, em que

[...] o costume e o ritual foram frequentemente encarados pelo cavalheiro paternal [...] a partir de cima e por cima de uma fronteira de classe, sendo ainda divorciados de sua situação ou contexto. As perguntas dos folcloristas raramente procuravam saber da sua função ou uso corrente (THOMPSON, 2012, p. 231).



Ao que diz respeito à formação da sociedade cearense, as categorias “patrícia” e “plebeia” se fazem alheias e poderiam ser satisfatoriamente comutadas, a nível de entendimento, num esquema compreendido por uma parcela de proprietários assentados “numa estrutura agrária de tipo tradicional [...] caracteriza[da] por uma unidade familiar que é limitada a reprodução [...] de condições mínimas de sobrevivência” (NEVES, 2019, p. 140), tendo ao seu redor uma heterogeneidade de sujeitos, livres ou cativos, apartados do domínio da terra, que se relacionavam entre si sob a prevalência de relações paternalistas.

No entanto, outro contexto sociocultural não exclui a percepção de que no Ceará, tanto os costumes quanto os rituais associados às camadas subalternas, também eram observados desde cima e a partir de uma “fronteira de classe”. Por classe, nos vinculamos a acepção empregada por Thompson, que a entendia como

[...] um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (THOMPSON, 2019, pp. 09-10).

Portanto, é no cerne das relações humanas, na forma como cada sujeito experimenta sua existência histórica que a classe acontece. Ainda diz Thompson que a “classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente” (THOMPSON, 2019, p. 10). Com isso, é sob a ótica dessas relações que poderemos supor o entendimento do “hiato” entre uma determinada “elite cearense” – proprietária e letrada –, e os pobres, na “forma como [suas] experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 2019, p. 10).

O samba, de acordo com Janote Pires Marques (2008), era uma prática festiva alicerçada na cultura negra que, dependendo da ocasião, do lugar que ocorresse e do grupo social que o frequentasse, podia se revestir de diversos sentidos. Por outro lado, poucos parecem ser os indícios que sugerem, a julgar pelas denúncias que caracterizavam os indivíduos e as práticas, que essa forma festiva fosse compartilhada por sujeitos mais abastados.

2 O SAMBA NAS DENÚNCIAS: ANTRO DE MALFEITORES

O samba que diariamente ocorria na casa de Maria Prata, no “outeiro da Cacimba do Povo”, subúrbio da capital, era denunciado ao chefe de polícia “por amor a moralidade



pública”, já que os indivíduos que o compunham eram muito imorais e pouco caso faziam do inspetor de quarteirão (UM VIZINHO, 1864, p. 4). Na povoação da Guaiúba, o proprietário Antônio da Costa dos Anjos², ao ser advertido pelo suplente de subdelegado por fazer sambas naquele quarteirão, repelia dizendo que “só algumas vezes reúno os meus amigos, e apresento algum divertimento, e nele se guarda toda decência e moralidade; e por certo não deve Vm^{ce}. qualificá-lo de samba, nome odioso e desprezível que só cabe a outras pessoas” (ANJOS, 1858, p. 4).

Os dois exemplos acima guardam a mesma fórmula: um apelo incisivo à moralidade. Ao tempo que um denunciava o divertimento popular como antro de indecências, o outro, pela sua posição social, buscava deixar bem claro que sua reunião com amigos em nada deveria ser comparada com um “odioso e desprezível” samba. Temos, portanto, um julgamento e uma delimitação da prática a partir da classe – a de proprietário abastado – sobre uma diversão que não lhe convinha ser atribuída, mas que cabia a “outras pessoas”, provavelmente qualificadas como igualmente desprezíveis.

No entanto, a réplica de Antônio da Costa dos Anjos faz atentar para o que Carlo Ginzburg, historiador italiano, chamou de “circularidade”, ao exprimir que “entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu [...] um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2006, p. 10). Desse modo, como o próprio Costa admitiu, ocorriam divertimentos no quarteirão da povoação da Guaiúba e, como podemos supor, pouco deveriam guardar de diferenças dos festejos populares. Todavia, a denominação de “samba” – lazer da gente ínfima – não deveria ser aceita por um indivíduo que dizia prezar pela decência e moralidade.

Vemos delimitar-se um problema de estigmatização, para além do espaço do samba, dos sujeitos que o frequentavam e a partir dele eram qualificados. Antes disso, igualmente notamos que “uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo” (WILLIAMS, 1958, p. 05). Com base nisso, podemos recuperar a afirmativa de Janote Pires Marques de que o samba, a depender do grupo social que o frequentava, poderia adquirir significados distintos. Seria essa a intenção de Antônio da Costa dos Anjos, isto é, a partir da sua experiência pessoal, da sua classe, usufruir da prática festiva excluindo o estigma que a palavra samba imputava aos seus frequentadores?

² Antepassado da parentela dos Costa e Silva e Albano, na qual se inclui o poeta Juvenal Galeno. Segundo o escritor F. Alves de Andrade, são famílias que “formam no Ceará o antigo CLÃ DA ARATANHA” ANDRADE, 1971, p. 82.



Com isso, podemos conjecturar que a construção da imagem do samba como festividade abjeta, precisava, para assim ser entendida, estar relacionada com uma série de estigmas, muitos deles acentuados tanto na produção literária quanto nas denúncias. Contemplava-se, em alusão aos espaços e frequentadores do samba, uma permanente referência aos instintos de violência e incivilidade. Não obstante, assinala Thompson:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...). Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189).

As ideias fixas, a categorização dos indivíduos, a concepção dos costumes a partir do olhar e da posição do “cavalheiro paternal”, presumia a atitude e os valores dos subalternos. Toda uma visão, a partir da classe, que infligia aos populares um arcaísmo. E sobre a “cultura popular” uma “invocação confortável de um consenso, [a] distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto” (THOMPSON, 1998, p. 17). Não um consenso acerca da cultura como elemento homogêneo entre os “pobres” e a “elite”, mas que distinguia os “de baixo” como inveterados, apartados da experiência. Portanto, segregados do próprio processo de mutação e movimento da história.

Dessa forma, os jornais falavam dos “20 ou mais” que foram presos e recrutados por ordem do presidente da província em um samba no Baturité, “onde havia – um quilombo de malfeitores” (FACTOS DIVERSOS, 1868, p. 3-4). Ou de Antônio Cambota, “indivíduo da plebe”, que na madrugada do dia 06 de janeiro de 1872, no quarteirão de São Bento³, saiu ferido a faca depois de uma “grande desordem” entre sambistas (VERITAS, 1872, p. 2). E no Outeiro, desta vez na casa de “Inocência de tal”, onde se reuniram alguns voluntários da pátria, “improvisaram um samba, e toca a dançar. Neste interim um guarda nacional apresenta-se cobrando 14 vinténs da dona da casa. – Não pago. – Há de pagar. A Sra. Inocência, não esperou por mais, apagou as luzes, e gritou inocentemente: haja pau”. O resultado foi ter saído o guarda com a cabeça lascada (NOTICIARIO, 1865, p. 2).

Aos sambas se atribuía tão forte mácula, tão acentuada alusão como valhacouto de “malfeitores” que, em Santa Quitéria, uma autoridade policial, escrevendo para um jornal, dizia estar se convencendo de “que [era] uma boa invenção, para pegar criminosos, e se sempre que [...] fizesse um samba prendesse um criminoso, só viveria em sambas”. Seu feito foi ter prendido alguns convidados, criminosos foragidos, quando comemoravam

³ Localizado na então Freguesia de Pacatuba-Ceará. Atualmente é um bairro com o mesmo nome.



um casamento. (CORRESPONDÊNCIAS, 1858, p. 4). Isso demonstra que, de maneira articulada, a opinião dos entes de controle convergia com a imagem que os literatos, ao delimitarem a experiência dos sujeitos populares, presumiam: que das suas práticas de sociabilidade só poderia resultar a desordem e o exercício da violência.

Em Fortaleza e outras cidades, a repressão aos sambas e uma percepção negativa dessas reuniões festivas decorriam, provavelmente, do fato de estas práticas assumirem um perfil retrógrado perante o olhar de uma sociedade já abolicionista, mas, também, imersa na ideia (europeia) de evolução e de progresso, sem espaço para manifestações de matrizes africanas, em geral consideradas de caráter “bárbaro” (MARQUES, 2008, p. 157).

De fato, no alvorecer das décadas de 60 e 70 do século XIX se impunha, a partir da influência da capital, maior vigilância e tentativa de controle das camadas subalternas. Não somente Fortaleza, que incorporava fortemente o “surto” modernizador, alterando suas feições, com praças e bondes ao gosto europeu (PONTE, 2000), mas também as vilas do interior cearense convergiam no intuito de repelir as sociabilidades e formas de representação popular. No Acarape, o segundo Código de Posturas, aprovado pela resolução provincial nº 2.022, em 19 de setembro de 1882, expressava na seção 18ª os seguintes artigos:

Art. 104. São proibidas as reuniões, que vulgarmente se denominam sambas, dentro da Vila depois de 8 horas da noite sem prévia licença da autoridade policial. O dono da casa, onde se der o samba incorrerá na multa de 5\$000 reis; do mesmo modo os indivíduos que tocarem qualquer instrumento nos tais sambas.

Art. 105. É proibido nesta Vila e povoações deste município, gritos e vozerias em reuniões a noite (O CEARENSE, 15/12/1882, p. 1).

Entretanto, as medidas de controle, assim como a produção dos discursos literários sobre o indivíduo comum, tendenciosos ao descrevê-lo sob o estigma da violência, vulgaridade e atraso, não comportavam o fazer-se próprio de uma “plebe heterogênea”.⁴ Pelo contrário, prescindiam, muitas vezes, das suas relações e interesses. Dessa forma, compreendido o subalterno segundo a pecha da valentia, da preguiça, da imoralidade, da delinquência, e o samba como espaço e momento de externar esses atributos, negligenciava-se a agência humana desses indivíduos, isto é, a capacidade que tinham de pensar e agir sobre o mundo real. Em suma, ignorava-se que

⁴ O termo refere-se aos “povos indígenas, brancos pobres, negros e mestiços, livres e escravos” que formavam, em relação à parcela branca portuguesa, a maior parte da população cearense desde a colônia CÂNDIDO, 2018, p. 194.



[...] homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* [...] das mais complexas maneiras e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).

À vista disso, a “experiência humana” presume que os sujeitos vivenciam seus conflitos e contrariedades atuando sobre as circunstâncias, não como categorias deterministas, enquadráveis, mas como indivíduos complexos, dotados da capacidade de formular resistências e alternativas ao que lhes for imposto. Assim, aqui também compreendemos a experiência como “antídoto” ao estigma, a rotulação dos populares nos termos que já apresentamos. A experiência, por exemplo, exprimindo outros sentimentos e comportamentos, nos permite contemplar outras existências, não condicionadas à tradição literária “de narrar atitudes de violência na produção cultural popular” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, pp. 175-176).

Dessa forma, o samba, como “item cultural”, deve ser incluído em seu contexto, no “cenário social” que “ajuda a estruturar os eventos que nele ocorrem” (BURKE, 2010, p. 153). É assim que poderemos contemplar uma outra face do divertimento popular, como cenário, embora criminalizado e vigiado, que restava ao pobre excluído dos bailes, praças e passeios urbanos que o “progresso”, na virada do século XIX, começava a ditar como sociabilidade moderna. Progresso relacionado à “civilização dos costumes” (ELIAS, 2011), que sempre encontrava na ação subalterna um gesto vulgar, um bárbaro a ser domado como mão de obra. Não seria essa a inovação dos códigos de posturas, uma “inovação do processo capitalista, [...] experimentada pela plebe como uma exploração de direitos de uso costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de [...] lazer” (THOMPSON, 1998, p. 19)?

O samba, para além do recorte semântico que alinhava a produção folclórica ao conteúdo das denúncias nos jornais, conformando as perspectivas e a mentalidade dos grupos letrados e dirigentes, pode, a partir “de baixo”, ser entendido como um cenário do “contrateatro” popular, em que homens e mulheres da plebe, buscando distância da deferência paternalista, manifestavam abertamente seu antagonismo (THOMPSON, 1998). E como processo histórico, o samba guarda “um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de (...) resistência à exploração (...) situad[o] no lugar material que lhe corresponde” (THOMPSON, 1998, p. 17). Esse contexto antagônico, ou melhor, de hiato entre o divertimento da plebe e dos ricos, é apresentado no interessante excerto a seguir:



É de lastimar, porém, que enquanto as festas do rico são incensadas com elogios e apreciações lisonjeiras, as do pobre sejam muitas vezes perturbadas pela polícia que sem cerimônia leva alguns dos que dançavam mais molemente para... a cadeia.

Será porque a embriaguez do champagne e a da cachaça produzem efeitos diferentes? (AURELIUS, 1899, p. 1-2).

O raro questionamento levantado por um observador dos divertimentos e sua respectiva relação com a classe, nos direciona à uma visão do processo de marginalização das práticas populares. Antes disso, já tornava explícito o caráter de vigilância e criminalização das festas populares, concluindo que delas o pobre sempre poderia sair preso. Enquanto isso, os ricos, embora não estivessem livres dos idênticos efeitos do álcool, seguiam imunes dos poderes do Estado sobre as suas expressões de embriaguez.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo discutimos algumas noções acerca das práticas festivas populares no Ceará do século XIX. Tratando especificamente dos discursos sobre o samba, buscamos apreender a visão difundida, tanto pelos textos literários quanto pelas denúncias em circulação nos periódicos, em especial os jornais *Pedro II*, *O Cearense* e *A Constituição*. Defendeu-se o argumento de que o enunciado e as narrativas em torno dos espaços de sociabilidade das camadas subalternas partiam de uma percepção compartilhada entre os sujeitos que as escreviam, fossem eles literatos, autoridades policiais ou denunciante anônimos.

Evidenciou-se, sob o viés do antagonismo de classe, um processo de criminalização das manifestações e divertimentos do cearense pobre, pela restrição do ajuntamento lúdico, disseminado em cada vila ou povoação especialmente a partir da implementação dos códigos de posturas municipais. Ajuntamentos que, na ponta da pena dos literatos, conformavam o ambiente idílico e naturalizado de exteriorização da rudeza, da valentia e da irremediável violência sertaneja. Portanto, passível de controle e de punição.

Por sua vez, os escritos impressos a respeito do samba como lugar frequentado pela “plebe”, concorreram, na perspectiva de uma história “vista de baixo”, para a apreensão da experiência cultural dos indivíduos implicados nesses discursos. Os letrados, a despeito de protestarem contra costumes arcaicos ou reprovados, nos deixaram os resquícios dos “sem linguagem articulada”, esses que pouco ou nada registraram sobre a sua existência (THOMPSON, 2019, p. 67).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. "Quem é frouxo não se mete": violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Proj. História**, São Paulo. n. 19, p. 173-188, nov. 1999. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928/8089>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ANDRADE, F. A. de. Jeca Tatu de Monteiro Lobato & Mané XiqueXique de Ildefonso Albano. (Ensaio à guisa de apresentação da 3.^a edição do livro Jeca Tatu e Mané Xiquexique de Ildefonso Albano). **Revista da Academia Cearense de Letras**, p. 81-103, 1971. Disponível em:

https://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/1971/ACL_1971_16_Jeca_Tatu_&_Mane_Xiquexique_F_Alves_de_Andrade.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

ANJOS, A. C. dos. **Á Pedidos**. Fortaleza: jornal O Cearense, 1858

AURELIUS. **À vol de colibri**. Fortaleza: jornal A Evolução, 1888

BARROSO, G. (João do Norte). **Terra de Sol: Natureza e costumes do Norte**. Rio de Janeiro: Benjamin de Aguilã Editor, 1912.

BARROSO, G. (João do Norte). **Alma Sertaneja: Contos trágicos e sentimentos do sertão**. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis Editor, 1923.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COSTUMES DA ROÇA. Fortaleza: jornal O Cearense, 1868.

CÂNDIDO, T. A. P. A plebe heterogênea da Independência: armas e rebeldias no Ceará (1817-1824). **Almanack**, [S.L.], n. 20, p. 194-215, set. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alm/a/fFLJr4V3zwsRTSY57HrLk4D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CÂMARA, J. A. Um cronista do Ceará antigo. **Revista do Instituto do Ceará**, p. 321-324, 1965. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Ver_apresentacao/RevPorAno/1965/1965-UmcronistaCearaAntigo.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.



CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CORRESPONDÊNCIAS. Fortaleza: jornal O Cearense, 1858.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1.

FACTOS DIVERSOS. Fortaleza, Fortaleza: jornal Pedro II, 1868.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEITE, R. **O Samba**. Fortaleza: jornal Gazeta do Norte, 1889.

MARQUES, J. P. **Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)**. 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2008.

NEVES, F. de C. A “Capital de um Pavoroso Reino”: Fortaleza e a Seca de 1877. In: Fabiano Quadros Rückert. et al. (Orgs.). **Histórias da Pobreza no Brasil**. Rio Grande: Editora da FURG, 2019, v. 6, p. 139-160.

NOTICIARIO. **Por causa de 14 vinténs**. Fortaleza: jornal O Cearense, 1865.

PONTE, S. R. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, S (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

SALES, A. **Versos diversos: Chromo**. Fortaleza: jornal O Cearense, 1890.

SOUZA, J. G. **As lapadas do moreno: Canto popular**. Fortaleza: jornal Pedro II, 1881.

TEÓFILO, R. **História da Secca do Ceará. 1877-1880**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio (org.). 2ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.



THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

UM VIZINHO. **Para a policia lêr**. Fortaleza: jornal O Cearense, 1864.

VERITAS. **Comunicado**. Fortaleza: jornal A Constituição, 1872

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. **A Cultura é de todos** (Culture is Ordinary). 1958. Trad. Maria Elisa Cevasco. Disponível em: <
https://theav.weebly.com/uploads/8/4/7/3/8473020/1958_aculturaedetodos_raymondwilliams.pdf Acesso em: 20 dez. 2021.

Título em inglês:

THE SAMBA OF 19TH CENTURY CEARÁ: SPACE OF SUBALTERN FUN BETWEEN LITERATURE AND NEWS